



CORPOS PROJETADOS E REDIMENSIONADOS: ARTE, CORPO, TECNOLOGIA

Marko Synésio Alves Monteiro ¹

Introdução

Gostaria, neste trabalho, de ampliar uma discussão que venho realizando sobre a questão reconstrução dos corpos possibilitada pela tecnociência contemporânea (Monteiro, 2006, 2009), focando especificamente as implicações teóricas para a condução de análises desse processo a partir das ciências sociais. Primeiramente, gostaria de tornar mais claros os pressupostos teóricos que orientam o uso das categorias “corpo” e “tecnologia”, tornando-as mais específicas. Num segundo momento, gostaria de discutir exemplos nos quais corpos estão sendo reconstruídos por tecnologias, a fim de pensar as implicações dessas práticas de manipulação.

O contexto atual (desde o fim do século XX) de avanço das novas biotecnologias traz à tona a necessidade de debater 'corpos': o que significam, as suas ontologias e as suas práticas de reconfiguração por tecnologias diversas (Chazan, 2003; Kac, 2007a; Ortega, 2008; Ramírez-Gálvez, 2007; Ribeiro, 2003; Sibilia, 2002). Para enriquecer esse debate, gostaria de invocar práticas não somente científicas, mas também artísticas de redimensionar e sobrepor corpos, a fim de desenvolver uma reflexão sobre os perigos e promessas do corpo, na sua relação com a tecnologia, no presente e no futuro.

A categoria genérica de 'tecnologia' surge aqui a fim de representar as possibilidades de reconfiguração de corpos através, por exemplo, da reordenação do código genético (Thacker, 2003), e da intervenção no desenvolvimento de organismos dentro e fora de laboratórios (Kac, 2003). As novas biotecnologias servem aqui de mote para debater a idéia de corpo, com o objetivo de mostrar que nossos pressupostos sobre o que consiste o corpo, a biologia e a tecnologia estão sendo reconfigurados, com grandes consequências para nossas formas de pensar e nossas formas de existir corporalmente (Brown, Aleksander, & Mackenzie, 2001; Santaella, 2003; Tomasula, 2002).

Invocarei práticas artísticas para pensar exatamente as formas de apropriação de biotecnologias que estão em curso nas sociedades contemporâneas, a fim de mostrar também que a experimentação com o corpo toma, atualmente, um caráter que é, ao mesmo tempo, estético e

¹ Marko Monteiro é Mestre em Antropologia (2000) e Doutor em Ciências Sociais (2005) pela UNICAMP. Atualmente é professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica da UNICAMP. Para contato: markosy@ige.unicamp.br.



ético/político. Isso quer dizer que, ao subverter técnicas biotecnológicas, artistas contemporâneos conseguem não somente chamar a atenção para os potenciais e perigos a que estão expostos nossos corpos tecnologizados; mas sugerem também novas formas de experimentação criativa com a nossa materialidade corpórea, possibilitadas por novas tecnologias, que precisam urgentemente de debate social, ético e político. A criação de novos corpos é marca da ciência e da tecnologia contemporâneas, em exemplos como organismos transgênicos e clones (Wilmot, Campbell, & Tudge, 2000). Da mesma forma, tais tecnologias podem ser utilizadas para a criação ativa de novos futuros para nossos corpos (Pearson, 1997), e tais questões prometem impactar não somente a arte, mas a medicina, a reprodução humana e outras práticas de manejo social do corpo.

Pensando “corpo” na teoria social

Alterar o corpo é prática comum e constante em sociedades humanas. Tais alterações tem os mais diversos sentidos: desde marcar a posição ou hierarquia de uma pessoa no interior do grupo, até definir o gênero ou a própria “humanidade” de determinado indivíduo em contraste a entidades não-humanas. Desde escarificações ornamentais, tatuagens, passando por raspagem dos dentes e circuncisões, alterar a forma do corpo de acordo com prerrogativas sociais é fato universal nas culturas humanas, não sendo restrito ao chamado ocidente. Compreender determinado contexto cultural passa, em grande medida, pela compreensão das formas com que tal cultura relaciona-se com os corpos que a compõe (Featherstone, 1991; Kemp & Wallace, 2000; Shilling, 1993, 2007; Turner, 1991).

No entanto, o que é considerado “corpo” varia de cultura a cultura, e mesmo numa mesma cultura através do tempo. O primeiro movimento a ser feito, portanto, em se tratando de debater o corpo, é problematizar a própria categoria, explicitando o seu caráter localizado no tempo, no espaço e na cultura. Não existe, assim, um corpo genérico ou universal: o que se chama de corpo, em se tratando da cultura ocidental contemporânea, por exemplo, é algo que deve ser constantemente especificado, tratado em sua particularidade (Scheper-Hughes & Lock, 1987; Strathern, 1996). Só assim apreendem-se com maior clareza as práticas, relações e materialidades que tal categoria encerra no contexto de interesse. De outra forma, corre-se o risco de generalizar percepções particulares como se fossem universais, perdendo de vista a multiplicidade desse elemento da cultura.

O corpo, tal qual compreendido pela tradição ocidental (em que pesem as generalizações necessárias para que se afirme algo assim), pode ser pensado enquanto entidade material e



biológica, em contraste com realidades simbólicas ligadas à mente (Scheper-Hughes & Lock, 1987). Tal distinção data do “penso, logo existo”, presente na elaboração filosófica de René Descartes, ainda no século XVII, um dos pilares do moderno método científico (Des Chene, 2001; Descartes, 1999 [1641]). A dualidade cartesiana entre corpo/espírito marca assim a nossa forma de experimentar o corpo. Este seria, nesta formulação, um suporte material fixo, cujo sentido é constituído no âmbito das idéias. O corpo material seria uno, constante e indivisível, em contraste com a mutabilidade e variabilidade das idéias a seu respeito.

Algumas análises recentes sugerem que mesmo o corpo ocidental, até aqui descrito como realidade material ontologicamente estável, passa por mudanças ao longo do tempo e do espaço, sendo ele próprio constituído enquanto tal através de relações sociais. Como mostra Thomas Laqueur (Laqueur, 1992), por exemplo, a idéia de que os seres humanos são divisíveis em dois sexos, discerníveis a partir de dois órgãos genitais, é relativamente recente em termos históricos. Se atualmente pensamos em homens e mulheres como espécimes biologicamente distintos, ainda que partes da mesma humanidade, chegando mesmo a dar-lhes uma genética particular, durante centenas de anos tal divisão rígida nunca existiu.

Autoras feministas como Judith Butler (Butler, 1990, 1993) e outras vêm, nas últimas décadas, ajudando a consolidar a idéia de que a estabilidade da dualidade biológica entre homens e mulheres é, de fato, instável, necessitando de constante reiteração, o que também desloca a idéia ocidental de uma biologia fixa. Esse deslocamento é fundamental para a compreensão de fenômenos recentes ligados à utilização de novas tecnologias para efetivamente manipular características biológicas, antes tidas como “naturais” e “imutáveis”.

O corpo biotecnológico

Um dos desafios colocados ao pensamento sobre o corpo são as biotecnologias contemporâneas e as possibilidades de manipular a matéria viva tornadas possíveis pela engenharia genética e outras tecnologias. Como resolver eticamente os dilemas colocados por técnicas de clonagem, ou de manipulação de células embrionárias, ou de criação de organismos transgênicos? Nossas categorias ontológicas são colocadas em cheque quando, por exemplo, cientistas criam seres híbridos de humanos e animais para incitar respostas controladas em ambientes de laboratório. Seriam tais seres, então, humanos ou animais? Tais quimeras deveriam ser criadas ou são nefastas por natureza? Elas possuem direitos, possuem espírito? Onde estão os limites, e como defini-los?



Tais limites, claramente, não estão mais na biologia, tal qual tradicionalmente se pensava, como sugeriu Ian Wilmut (Wilmut, et al., 2000) a respeito da clonagem de Dolly (projeto no qual foi cientista protagonista). Wilmut fala de uma “era de controle biológico”, na qual os limites da biologia seriam superados, estando os limites da manipulação de corpos restritos aos limites da física. A cada dia temos notícia de novas descobertas e novas possibilidades de manipulação de células, seja no campo da saúde, da agricultura ou das indústrias farmacêuticas e de cosméticos. Tais descobertas parecem confirmar as previsões de Wilmut e colocam a necessidade de se analisar criticamente tais possibilidades de manipulação.

Os desenvolvimentos das diversas biotecnologias superam em velocidade a nossa capacidade social de debater as suas conseqüências, um movimento de aceleração da tecnologia descrito por sociólogos como Laymert Garcia dos Santos (Santos, 2003), Hermínio Martins (Martins, 2003), entre outros pensadores. A cada momento, nos deparamos com fatos consumados que precisam ser debatidos e avaliados em esferas como o legislativo, o direito e a cultura. Estamos, assim, em pleno processo de reorganização das nossas expectativas e normas de conduta com relação aos nossos próprios corpos. Tal contexto clama, portanto, por análises que consigam destrinchar tais desenvolvimentos, que claramente põem em cheque nossas antigas distinções cartesianas, como mostram pensadores como Nikolas Rose (Rose, 2007), Evelyn Fox Keller (Keller, 1995), Emily Martin (Martin, 1998), Nancy Schepper-Hughes (Scheper-Hughes & Lock, 1987), Donna Haraway (Haraway, 1991), entre tantos outros autores engajados em compreender criticamente as possibilidades e impactos das tecnologias nos corpos.

Nikolas Rose (Rose, 2001), com sua idéia de “políticas da vida” (*politics of life itself*), analisa sociologicamente as conseqüências da manipulabilidade da biologia pelos novos desenvolvimentos da genética. Segundo Rose, com a biotecnologia é a própria ontologia da vida que se torna objeto de disputas políticas, levando a um necessário questionamento das categorias que utilizamos para pensar tais processos. Em direção semelhante, Paul Rabinow (Rabinow, 1992, 1999) analisa o que ele denomina de biosocialidade. Em pesquisas etnográficas em laboratórios franceses e norte-americanos, Rabinow sugere que as novas socialidades contemporâneas passam, atualmente, pela disputa em torno da composição biológica dos sujeitos, tal qual demonstrado por ele nas lutas e organização em torno da condição de portadores de anomalias genéticas.

Isso quer dizer que genes e outros fragmentos e características biológicos compõem os processos sociais de forma inusitada, além de fazer parte das formas pelas quais agentes se percebem enquanto tais, estabelecem relações sociais e fazem política. A política do corpo é mais



do que a disciplina do corpo, tal qual descrita por Michel Foucault (Foucault, 2007). A sua noção de biopoder, tão útil para pensar a regulação estatal da saúde, dos desejos e dos corpos, atualmente é aplicada e ampliada para pensar também as formas pelas quais reordenamos nossos corpos em face de desenvolvimentos tecnológicos.

Políticas da vida

Tais políticas de reconfiguração dos corpos estão sendo experimentadas de diversas formas em práticas artísticas contemporâneas, cuja linhagem remonta à *body art* dos anos 1960 (Salecl, 2001), mas que atualmente se desdobram em subversões da biologia, da ciência e da arte (Kac, 2007b). Refiro-me especificamente a experimentos com bio arte, arte transgênica e outras vertentes da arte que partem da manipulação da matéria viva através da tecnologia para criar novas formas estéticas (Kac, 2005).

Artistas como Eduardo Kac, brasileiro radicado em Chicago, promovem experimentos que incorporam aparatos de alta tecnologia para incorporá-los nas práticas artísticas contemporâneas. Da mesma forma, alguns artistas constroem “esculturas semi-vivas” (Catts & Zurr, 2006) usando culturas de células e materiais oriundos do campo médico, dando formas inusitadas a conjuntos de tecidos, mantidos vivos durante sua exposição em galerias. Novos corpos, somente possíveis a partir de intervenções tecnológicas contemporâneas, criados não com um intuito instrumental, científico ou comercial, mas como forma de experimentação estética.

O que tais experimentos trazem de novidade não é exatamente a busca de manipular organismos vivos para fins humanos, nem mesmo o uso de seleção e manipulação de características de seres vivos para fins estéticos. Como lembra Eduardo Kac, vacinas e mesmo o uso de microorganismos para a produção de vinho representam práticas desse tipo; além disso, o cruzamento seletivo de cães e roseiras, por exemplo, vem a muito tempo representando formas de expressão estética (Kac, 2007a).

A novidade trazida pela biotecnologia vem no sentido de possibilitar a manipulação de processos biológicos sem a limitação de processos naturais como a reprodução sexuada, causando interferências antes inimagináveis. Além disso, novos seres vivos passam a conviver conosco, oriundos não de processos evolutivos mas de práticas laboratoriais. Desde obras de bio arte até alimentos transgênicos, tais criaturas híbridas (Latour, 1994), pela sua própria existência, deslocam nossas percepções a respeito da divisão artifício/natureza e a respeito dos limites das manipulações possíveis.



O desafio político é como elaborar formas de regular eticamente tais formas artificiais de manejo e reconstrução do corpo. O exemplo da eugenia no século 20 permanece um aviso sobre os perigos representados pela busca de organizar socialmente a reconstrução da biologia humana (Weindling, 1989). Repensar formas democráticas de reconstrução do corpo via tecnologia, que não representem a morte e sim a liberação dos potenciais do humano (Haraway, 1995) é um desafio que requer novos olhares sobre problemas relativos à tecnologia e à biologia.

Referencias bibliográficas

- Brown, R., Aleksander, I., & Mackenzie, J. (2001). *Biotica: Art, Emergence and Artificial Life*. London: Royal College of Art/CRD Research.
- Butler, J. (1990). *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.
- Butler, J. (1993). *Bodies That Matter*. New York: Routledge.
- Catts, O., & Zurr, I. (2006). Towards a New Class of Being: The Extended Body. *Artnodes*, 6, 1-9.
- Chazan, L. K. (2003). O corpo transparente e o panóptico expandido: considerações sobre as tecnologias de imagem nas reconfigurações da pessoa contemporânea. *Physis: Revista de saúde coletiva*, 13(1), 193-214.
- Des Chene, D. (2001). *Spirits and Clocks: Machine and Organism in Descartes*. Ithaca: Cornell University Press.
- Descartes, R. (1999 [1641]). *Meditações sobre filosofia primeira* (F. Castilho, Trans.). Campinas: Edições CEMODECON - UNICAMP.
- Featherstone, M. (1991). The Body in Consumer Culture. In M. Featherstone, M. Hepworth & B. Turner (Eds.), *The Body: Social Process and Cultural Theory* (pp. 170-196). London: Sage.
- Foucault, M. (2007). *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Haraway, D. (1991). *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge.
- Haraway, D. (1995). Cyborgs and Symbionts: Living Together in the New World Order. In C. H. Gray (Ed.), *Cyborg Handbook* (pp. xi-xx). New York: Routledge.
- Kac, E. (2003). GFP Bunny. *Leonardo*, 36(2), 97-102.
- Kac, E. (2005). *Telepresence and Bio Art: Networking Humans, Rabbits and Robots*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Kac, E. (2007a). Art that Looks You in the Eye: Hybrids, Clones, Mutants, Synthetics and Transgenics. In E. Kac (Ed.), *Signs of Life: Bio Art and Beyond* (pp. 1-29). Cambridge: MIT Press.
- Kac, E. (Ed.). (2007b). *Signs of Life: Bio Art and Beyond*. Cambridge: MIT Press.



- Keller, E. F. (1995). *Reconfiguring Life: Metaphors of Twentieth-Century Biology*. New York: Columbia University Press.
- Kemp, M., & Wallace, M. (2000). *Spectacular Bodies: The Art and Science of the Human Body from Leonardo to Now*. Berkeley: University of California Press.
- Laqueur, T. (1992). *Making Sex*. Cambridge: Harvard University Press.
- Latour, B. (1994). *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Martin, E. (1998). Anthropology and the Cultural Study of Science. *Science, Technology and Human Values*, 23(1), 24-44.
- Martins, H. (2003). Aceleração, progresso e experimentum humanum. In H. Martins & J. L. Garcia (Eds.), *Dilemas da civilização tecnológica* (pp. 1-61). Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais.
- Monteiro, M. (2006). A Arte como Reinvenção do Corpo: Explorando Práticas Reflexivas da Matéria. *História & Perspectivas*, 35, 175-209.
- Monteiro, M. (2009). Molecular Representations: Reflections on Microarrays and Prostate Cancer. *Leonardo Electronic Almanac*, 16(4-5), 1-12.
- Ortega, F. (2008). *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Pearson, K. A. (1997). *Viroid Life: Perspectives on Nietzsche and the Transhuman Condition*. New York: Routledge.
- Rabinow, P. (1992). Studies in the Anthropology of Reason. *Anthropology Today*, 8(5), 7-10.
- Rabinow, P. (1999). *French DNA: Trouble in Purgatory*. Chicago: University of Chicago Press.
- Ramírez-Gálvez, M. (2007). Corpos fragmentados e domesticados na reprodução assistida. *Nada*, 9, 122-143.
- Ribeiro, R. J. (2003). Novas fronteiras entre natureza e cultura. In A. Novaes (Ed.), *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo* (pp. 15-37). São Paulo: Companhia das Letras.
- Rose, N. (2001). The Politics of Life Itself. *Theory, Culture and Society*, 18(6), 1-30.
- Rose, N. (2007). *The Politics of Life Itself: Biomedicine, Power, and Subjectivity in the Twenty-First Century*. Princeton: Princeton University Press.
- Salecl, R. (2001). Cut in the body: from clitoridectomy to body art. In S. Ahmed & J. Stacey (Eds.), *Thinking Through the Skin* (pp. 21-35). London: Routledge.
- Santaella, L. (2003). *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus.
- Santos, L. G. d. (2003). *Politizar as Novas Tecnologias: O impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Editora 34.



- Scheper-Hughes, N., & Lock, M. (1987). The Mindful Body: A Prolegomenon to Future Work in Medical Anthropology. *Medical Anthropology Quarterly*, 1(1), 6-39.
- Shilling, C. (1993). *The Body and Social Theory*. London: Sage.
- Shilling, C. (2007). Sociology and the Body: Classical Traditions and New Agendas. *The Sociological Review*, 55(1), 1-18.
- Sibilia, P. (2002). *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Strathern, A. (1996). *Body Thoughts*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Thacker, E. (2003). Data Made Flesh: Biotechnology and the Discourse of the Posthuman. *Cultural Critique*, 53, 72-97.
- Tomasula, S. (2002). Genetic Art and the Aesthetics of Biology. *Leonardo*, 35(2), 137-144.
- Turner, B. (1991). Recent Developments in the Theory of the Body. In M. Featherstone, M. Hepworth & B. Turner (Eds.), *The Body: Social Process and Cultural Theory* (pp. 1-35). London: Sage.
- Weindling, P. (1989). *Health, Race and German Politics Between National Unification and Nazism, 1870-1945*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wilmot, I., Campbell, K., & Tudge, C. (2000). *The Second Creation: Dolly and The Age of Biological Control*. Cambridge: Harvard University Press.